

## Editorial

Conforme ocorre todos os anos, o tema deste número é norteado pela programação científica do ano corrente, do CPRJ. Desta programação fazem parte diversas conferências e mesas-redondas realizadas ao longo do ano, de modo que a Comissão Editorial optou nesses dois anos de sua gestão, por eleger apenas algumas, para serem apresentadas sob a forma de artigos. Além disso, a Comissão se preocupou em enriquecer, o mais possível, a abordagem do tema em questão, considerando a importância do diálogo da psicanálise com outros saberes. Neste sentido, eleger publicar neste número a conferência proferida em agosto do ano passado pelo filósofo francês Dany-Robert Dufour: *O divino mercado*. Trata-se de uma perspectiva que coloca em discussão determinados referentes culturais dominantes na contemporaneidade, e que, sem dúvida, influenciam na constituição de ‘formas de ser’ que, por sua vez, implicam desafios para a prática clínica.

O primeiro artigo publicado, da seção *Tema em Debate*, resulta da conferência de abertura das atividades científicas do ano, ocorrida em 24 de março, e proferida por Paulo Sérgio Lima Silva. Dentre outros desenvolvimentos, este autor aborda um desafio observado nas últimas décadas, entre os psicanalistas, no sentido da derrubada dos muros que os encerraram em ‘escolas’ após a década de 40. Na perspectiva deste autor, o psicanalista, a princípio desorientado, tem se esforçado por garantir uma independência e criatividade fundamentais, sobretudo à clínica contemporânea.

Já o segundo artigo, de autoria de Daniel Kupermann, recorre a Freud, Ferenczi e Winnicott, para indicar algumas ‘balizas’ indispensáveis à configuração da clínica contemporânea. Em seu entendimento, a ‘neocatarse’ ferencziana e uma ‘ética do cuidado’ constituem os eixos norteadores de um saber

requerido ao analista, orientado para um “brincar compartilhado”, sobretudo em face de características do analisando da contemporaneidade.

O terceiro e último artigo desta seção, originado de um convite da Comissão Editorial a Edson Lannes – que não participara da programação científica do ano –, destaca a importância de a psicanálise não se deixar aprisionar por “padrões rígidos”, preservando, assim, os princípios que a engendraram desde a origem, dentre os quais ele cita a “liberdade de pensar”. Lembrando o perfil democrata de Winnicott e de certa forma o considerando um ‘resistente’, Lannes sugere que a prática democrática está ligada a “resistir tanto à prática da injustiça pelo Estado, como à desumanização do homem pela ciência, [não] para sermos “porta-vozes” da psicanálise, mas como sujeitos de nosso caminho”.

Contemplando, justamente, a importância da liberdade de pensar, a Comissão Editorial escolheu entrevistar uma psicanalista do Rio de Janeiro cuja história pessoal e da formação psicanalítica vivenciada refletem bem o que é uma trajetória comprometida com a liberdade: Ruth Cnop Goldemberg.

Seguem oito outros artigos – seção *Artigos* – cujas temáticas não estão necessariamente referidas ao tema do ano, e que foram bem avaliados por nosso Conselho Consultivo. Constam artigos de autores que pertencem a instituições psicanalíticas e de ensino diversas, e mesmo de fora do Rio de Janeiro, pois os Cadernos de Psicanálise-CPRJ são distribuídos para bibliotecas de 106 universidades e de 88 instituições psicanalíticas de todo o país, e têm sido adquiridos pela biblioteca do Congresso dos Estados Unidos (*Library of Congress Office*).

Fechando este número, temos três resenhas elaboradas por membros efetivos do CPRJ. Uma das resenhas, por sinal, à medida que articula dois livros resenhados num mesmo texto, pode ser considerada um exemplo de criatividade mesclada a uma delicada e indispensável busca de integração, conjunção tão necessária nos dias de hoje.